

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ – PERSPECTIVAS DECOLONIAIS A PARTIR DA OBRA DE FRANTZ FANON

FRANTZ FANON, UM INTELECTUAL LIBERTÁRIO

*Susana de Castro*¹

Nós não somos nada nessa
terra se não o fizermos para servir, em primeiro lugar e acima de tudo,
a uma causa, a causa do povo, a causa da liberdade e da justiça
Frantz Fanon

A epígrafe acima foi retirada de uma carta que Frantz Fanon escreveu a um amigo pouco antes de morrer vítima de leucemia em um hospital de Washington D.C. em 6 de dezembro de 1961 com apenas 36 anos. A escolhi porque ela reflete o espírito libertário que acompanhou o autor por toda a sua curta e intensa vida.

Várias foram suas frentes de batalhas contra a opressão e a injustiça. Enquanto jovem soldado lutou contra a ocupação nazista na França. Ferido, voltou condecorado para seu país natal, Martinica. Participou, então, da campanha para a eleição de seu ex-professor de liceu Aimé Césaire para prefeito da capital, Fort-de-France. Em seguida, aproveitando-se das facilidades que ser veterano de guerra trazia, foi para Paris estudar odontologia e, pela primeira vez, se deu conta que ele não era francês como o fizeram acreditar em sua cidade natal, mas sim um 'negro'. A partir daí começa a luta antirracista e anticolonialista de Fanon que o acompanhará até o final da vida.

Departamento insular francês, à época a população da Martinica contabilizava cerca de 300 mil pessoas, composta em sua maioria por negros descendentes dos trabalhadores escravizados das antigas plantações francesas. A elite econômica era composta por uma rica aristocracia branca nativa, aproximadamente 1.000 pessoas. Abaixo dela figurava uma classe média negra de 25.000 pessoas. O restante da população era uma massa de trabalhadores negros paupérrimos, portadores de uma das marcas discriminatórias mais fortes da ilha: o baixo domínio da língua francesa. Todos, porém, se sentiam franceses. (FAUSTINO, 2018, p. 19-21) Os poucos com acesso a escolarização, como os pertencentes a classe média negra, aprendiam na escola que a França era 'o seu lar' e que 'os pais de sua pátria' eram os Gauleses:



¹ Professora Titular do departamento de Filosofia da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF/UFRJ). Email: susanadec@gmail.com

Nas Antilhas, o jovem negro, que na escola repete incessantemente “nossos pais, os gauleses”, identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca. Há identificação, ou seja, o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco. (FANON, 2020, p. 163)

Ao se deparar com o racismo europeu, Fanon faz uma releitura crítica da sua educação na ilha. Percebe o quanto a manutenção de uma estrutura de classe extremamente desigual, com uma elite econômica branca se sobrepondo a uma maioria negra, dependia da existência de uma classe média negra de pequenos funcionários públicos, cujos filhos aprendiam nas escolas que os pais de sua pátria eram os Gauleses. Filho de um funcionário público, Fanon foi obrigado por sua mãe a jamais falar o crioulo, ou o patoá, um meio termo entre o *petit-nègre*² e o francês: “Na escola, o jovem martinicano aprende a desprezar o patoá. Fala-se de *crioulismos*. Algumas famílias chegam a proibir o uso do crioulo.” (FANON, 2020, p. 24) Esmagados entre uma maioria pobre e semianalfabeta e uma elite branca rica e ‘educada’, a classe média negra introjeta todos os valores civilizacionais da cultura colonizadora francesa, e assim cria um complexo de inferioridade e uma alienação do seu corpo, cultura e história.³ Falar francês perfeitamente era o que os tornava cidadãos superiores. Nada mais humilhante para um habitante da ilha do que ouvir um branco se dirigir a ele falando um francês simplificado, o *petit-nègre*.

Porque largou a odontologia em Paris para estudar psiquiatria em Lyon, Fanon foi percebendo que um dos pilares do racismo estava na subjetividade. Não importava o fim da escravidão, as estruturas de dominação continuavam intactas. Como seria possível manter o negro subalternizado, dominado, sem o uso da força e da coação? Através da educação e da forma de socialização, em outras palavras, da subjetividade. Fanon concluiu que a psicologia e a psicanálise menosprezavam os determinantes sociais na constituição da subjetividade. Revolucionou, desta maneira os estudos psiquiátricos e psicanalíticos com a criação do conceito de ‘sociogênese’: “Veremos que a alienação do negro não é uma questão individual. Além da filogenia e da ontogenia, existe a *sociogenia*.” (FANON, 2020, p. 25; itálicos meus).

Fanon promove uma virada importantíssima nos estudos da psicologia ao mostrar que os sujeitos são frutos de seu meio, de seu contexto histórico, geográfico, social. O indivíduo traz, portanto, marcas psíquicas resultantes tanto da sua história familiar, individual, quanto das relações sociais em que está inserido. As dores e traumas do racismo não são, portanto, explicáveis filo ou ontogeneticamente, visto que o indivíduo, suas relações familiares, não são obviamente responsáveis pelas causas da discriminação racial que sofrem. Pessoas imersas em um ambiente social racialmente hostil carregam marcas psíquicas produzidas pelo racismo.

² O termo *noir* era utilizado para referir-se à cor preta, enquanto *nègre* era usado pejorativamente para designar pessoas de pele escura.

³ O pai de Fanon, Felix C. Fanon, tinha origem indígena e afro-martiniquense. Sua mãe, Eléanore C. Fanon era fruto de um relacionamento ilegítimo entre um francês da Alsácia e uma mulher negra martiniquense (Gendzier *apud* Faustino, 2018, n. 12). Fanon descreve sua mãe como uma devota da civilização francesa: “Em casa, minha mãe canta para mim, em francês, trovas francesas em que nunca sequer a menção a negros. Quando desobedeço, quando faço muito barulho, dizem para que eu pare de “agir feito negro”” (FANON, 2020, p. 202) Sobre a origem indígena do pai de Fanon, devemos lembrar que sob a ideia contemporânea de uma região negra do Caribe se esconde um passado histórico tenebroso, o genocídio das etnias indígenas pelos colonizadores europeus.

No final de seu curso de psiquiatria, aos 26 anos, Fanon escreveu como trabalho de conclusão o trabalho intitulado “Ensaio sobre a desalienação do negro”, mas infelizmente dado seu caráter ensaístico e poético, foi aconselhado por seu orientador a não apresentar o texto. Em algumas semanas escreve outro trabalho com o título, “Alterações mentais, mudanças de personalidade, transtornos psíquicos e deficiência intelectual na heredo-degeneração spino-cerebelar” e é aprovado com louvor. O primeiro texto, rejeitado pelo orientador, será revisto mais tarde e publicado com o título *Pele negra, máscaras brancas*.

Fanon estabelece em seus escritos um diálogo crítico com o movimento da Negritude, encabeçado, entre outros, por Léopold Senghor e Aimé Césaire por acreditar que a luta e a práxis revolucionárias criariam um horizonte social e político, um novo humanismo. Neste sentido, apelar para um estado mítico de pureza da África como lugar privilegiado do passado e da cultura é, ao seu ver, uma estratégia problemática. Não há como saber como será novo homem que surgirá com a luta anticolonial e antirracista, a dinâmica própria da ação não permite antecipar o resultado, apenas se sabe que a conquista da liberdade implicará em um novo humanismo.

Os textos que aqui se seguem procuram abarcar a complexidade do pensamento fanoniano, suas diversas facetas: o racismo da mídia ocidental; a experiência do racismo no corpo da mulher negra; o humanismo visto na perspectiva da sociogenia; a luta anticolonial; a terapia; a constituição psíquica e o trauma na primeira infância; a psicanálise.

Referências

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020.

FAUSTINO, Deivison M. **Frantz Fanon – um revolucionário particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.